

04/04/2019

Direitos Humanos e Direitos da Natureza: o homem é diferente da natureza?

Marcos Besserman Vianna

[Pesquisador e Vice-Coordenador do Departamento de Direitos Humanos, Saúde e Diversidade Cultural da ENSP/Fiocruz]

Qual a sustentação científica, filosófica ou política para a arrogância pueril de que somos excepcionais na cadeia da vida?

O homem não é, mesmo que deseje, diferenciado da natureza. Conseguimos criar símbolos e, consequentemente, a linguagem de forma diferenciada em relação a outras espécies.

No entanto, a nossa concepção antropocêntrica de direito está transformando essa capacidade numa arma ecocida* que pode acabar com nossas vidas na terra.

Somos 100% biológicos e 100% culturais.

Como seres biológicos nossa sobrevivência e bem-estar depende tanto do meio ambiente que vivemos quanto qualquer outra espécie.

O direito humano é um caso particular do direito da natureza porque o homem também tem que se adaptar ao meio ambiente.

Não é possível que ainda acreditemos que podemos adaptar o meio às nossas necessidades.

Nossa vida na terra depende da beleza das paisagens, da água potável, dos mamíferos, peixes e aves, dos insetos polinizadores, dos oceanos com o fitoplâncton que gera metade do oxigênio da atmosfera. Como outras espécies, não podemos viver sem florestas.

O agronegócio nos aniquila, as monoculturas e o lixo do capitalismo global (plásticos, metais pesados, nitrogênio, resíduos sólidos...) ameaçam a sobrevivência da nossa espécie.

O direito humano confinado no antropocentrismo é um entrave jurídico, ideológico, político e epistemológico que nos direciona ao colapso socioambiental.

* ecocida - agente causador de destruição intencional em um ecossistema ou comunidade

Se não abandonarmos a concepção de direito humano baseada na empáfia do direito do homem sobre a Terra, em prol de uma concepção – inimaginável no capitalismo – de direito comum a todos, humanos e não humanos, nós mesmos estaremos extinguindo o *homo sapiens*.

A proposta tem de ser uma revolução cultural, transformar a maneira como homens e mulheres enxergam e pertencem à natureza.

Se acreditarmos que “Agro é Pop, Agro é Tech, Agro é Tudo” nosso futuro será pop de explosão, tech de maior quantidade de agrotóxicos lesivos a saúde humana e Agro é tudo destruído, das florestas às populações tradicionais da agricultura familiar e agroecologia. Se não compreendermos que para estabelecermos os direitos humanos necessariamente temos que garantir os direitos da natureza, o futuro dos nossos filhos não poderá ser num mundo melhor. Criar um novo mundo exigirá um novo relacionamento com a Terra e com a própria existência da humanidade.

Será necessário um novo paradigma não antropocêntrico, em que a base fundamental para a ação correta em relação ao meio ambiente seja fundamentada não apenas em preocupações humanas. Esse caminho foi reafirmado no documento final da Conferência das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável (2012), intitulado “O futuro que queremos”.

Pretendo desenvolver nesta Coluna temas relacionados ao direito humano como um caso particular do direito da natureza.

Nos próximos artigos discorrerei sobre a monocultura determinando o que comemos, associada à monocultura da mente determinando o que pensamos. A seguir tratarei da construção do merchandising e sua influência sobre o consumismo infantil... ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.